

O PADRE RIBAS

Interrompo hoje a série dos meus rodapés domingueiros sobre antigas figuras de professores da Academia, para recordar a figura de um sacerdote católico que faleceu em São Paulo, no sábado, foi sepultado domingo em Campinas, após uma existência toda consagrada à educação e amparo espiritual dos rebanhos que Deus pôs ao alcance da sua palavra e das suas preces. Refiro-me ao "padre Ribas", nome pelo qual era conhecido em Campinas, e ali tão prezado e tão querido, monsenhor Ribas d'Avila, o antigo vigário da Matriz Velha, nome que se dava à igreja do distrito de Santa Cruz, colocada sob a invocação de N. S. do Carmo.

Há muitos anos fora o padre Ribas elevado a monsenhor e, oficialmente, e nas cerimônias eclesiásticas, ou nas referências à sua graduação hierárquica, era o cônego Manuel Ribas d'Avila; mas para nós que o conhecemos desde quando vigário daquela Matriz, assim como para quantos o conheceram em Campinas e, mais tarde, no Seminário Arquidiocesano de S. Paulo, do qual foi diretor, era simplesmente e familiarmente o padre Ribas.

Ocorreu com ele o que ocorrera com d. Joaquim Vieira, bispo do Ceará e arcebispo titular de Cirro; para a gente antiga de Campinas e Itapetininga era ele conhecido pela designação carinhosa de "Vigarinho" e muita gente não sabia dar-lhe outro nome. D. Vieira gostava do tratamento e autorizava a continuação; o apelido fazia-lhe evocar, certamente, épocas remotas da sua mocidade, cujos trabalhos e transe, em várias epidemias, ele vencera com esforço e um denodo de que só são capazes os espíritos iluminados por um alto ideal de devotamento à desgraça alheia. Monsenhor Ribas era desse feitio e dessa classe de sacerdotes que passam a vida a cuidar dos outros, a assistir enfermos, a aconselhar transviados e a estancar feridas ocultas e inconfessadas, dessas chagas morais que consomem um coração e só encontram lenitivo no consolo de um outro coração compreensivo e cheio de efusão e de bondade.

Era daquele feitio do padre Chico, em quem a convicção popular via um nimbo de santidade como esses resplendores que

circundam a cabeça dos grandes iluminados da religião.

Padre Ribas trouxe para o sacerdócio católico todas as reservas de cordura da sua gente, que era velha gente de Campinas, das suas classes humildes, nas quais o devotamento ao semelhante, antes de ministrado em lições de catecismo, já era ensinado pelos exemplos dados portas a dentro, no amparo a qualquer necessitado que implorasse a sua ajuda. Os Ribas d'Avila compunham várias estirpes de gente honrada e pobre, ligadas a outros velhos ramos de uma parentela que ali fêz sede desde a vinda dos seus primeiros moradores. Nessa família eram incontáveis as almas caridosas e abnegadas, dessas que largavam casa e negócios para cuidarem de um parente, amigo ou mesmo desconhecido que necessitasse de um auxílio em época de doença ou de um amparo moral em transe de desespero. Havia, na família, operários, carpinteiros, músicos, lavradores e dois fogueteiros, que faziam a delícia e o encantamento da meninada do meu tempo nas festas de igreja ou nas comemorações estrondosas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

As mulheres cuidavam de costuras ou preparavam doces caseiros com receitas suculentas. Mas, se irrompia, como tantas vezes irrompeu na cidade, uma epidemia de febre amarela ou de bexiga, eram elas as últimas a arredar o passo e ali ficavam para acudir aos outros e lhes preparar as tisanas ou lhes cozinhar um caldo confortante.

Padre Ribas teve sempre um ar de caipirão bem paulista e fazia timbre em não desmerecer esse conceito. Era ilustrado e lido, tinha a palavra agradável e fluente, a figura acolhedora e simpática, num todo de simplicidade e de candura, que atraía grandes e pequenos.

Como vigário da Matriz Velha, posto que assumiu em janeiro de 1897, ali foi sucedendo ao padre Néri, logo depois elevado a bispo do Espírito Santo; manteve ele durante longos anos um apostolado zeloso que deu prestígio notável à sua paróquia e difundiu benefícios incontáveis entre os paroquianos. Nas práticas dos domingos vinha para o meio da extensa nave central, subia à pequena tribuna e dali se dirigia aos fiéis que se comprimiam em

toda a igreja e obstruiam, pelo número, portas e corredores. A linguagem era chã, toda doçura e simplicidade, como queria o Nazareno, que falava a crianças e adultos sentado na relva ou à sombra dos grandes carvalhos da Terra Santa. Fazia a exposição à altura intelectual do auditório; e quando designado para proferir um sermão de maior responsabilidade pela espécie do panegírico ou pela solenidade da cerimônia, mantendo embora o mesmo ar de simplicidade e modéstia e a mesma clareza de exposição, entrava no assunto com firmeza e dava, sem rasgos pretenciosos, que nunca teve, um desenvolvimento muitas vezes brilhante aos seus discursos, emoldurando-os ~~em~~ ^{como os} melhores exemplares da nossa eloquência sacra.

O povo o ouvia com atenção, porque havia sempre alguma coisa a aprender nequeles discursos; mas o ouvia com dobrado acatamento porque sabia que a vida do vigário era uma vida simples e pura, de completo desapego a benefícios e honrarias terrenas, vida que retratava e seguia, com fidelidade, as lições que ele ia colher nas parábolas do Evangelho e difundia da tribuna, entre as ovelhas atentas.

Ao tempo em que foi vigário de Santa Cruz, ali abriu uma aula de catecismo, realizada às tardes, todos os domingos. A concorrência era enorme e chegou a tomar metade da nave central; fui aluno desse curso, durante mais de um semestre e, como eu, muita gente que o ouviu e dos seus lábios colheu lições eficazes e sugestivos ensinamentos.

Mas, havendo naquela massa um grande número de meninos de humilde origem e de inferior alcance intelectual, desdobrou o curso em varias classes, chamando moças e rapazes para cuidarem dos principiantes e fazendo ele uma espécie de curso professoral para esses monitores. Os resultados foram surpreendentes - e muitos dos antigos frequentadores daqueles cursos improvisados, ainda repetem as lições que ali receberam e que foram o seu primeiro contato - para alguns o único - com os preceitos religiosos.

Vivendo com o povo, misturado com **e** classes pobres e

remediadas, de alguma ou de nenhuma cultura, gente das fazendas e das cercanias da cidade, de todas as graduações sociais, o Padre Ribas, que demonstrava simpatias declaradas pelos caipiras e matutos que, aos domingos, costumavam vir à cidade fazer compras e pequenos negócios, conhecia o seu linguajar, os seus modismos verbais, os seus torneios de frases e com eles se confundia e se delectava. Quem o ouvisse numa roda de caboclos de uma fazenda, a "misturar língua" com eles, acreditaria que era um trabalhador braçal da mesma equalha quem assim se comprazia na conversação. Adquiriu um conhecimento vasto de expressões populares, algumas de um delicioso sabor castiço, e as empregava com a chamada gente culta, para demonstrar que a fala popular era muito mais sábia do que se imaginava.

o o o

Quando se instalou o Bispado de Campinas, em 1908, e para ali foi designado o seu primeiro Bispo, na personalidade insigne de d. Nérij, o padre Ribas, já então Monsenhor, ocupou o lugar de destaque no Cabido. Mas, nas visitas pastorais que d. Nérij iniciou pelos distritos pobres e esquecidos, alguns dos quais nem tinham vigário, o padre Ribas era elemento indispensável na comitiva e tinha, nas diligências pastorais, uma atuação preponderante.

Lembro-me muito bem de ter ouvido o próprio d. Nérij narrar em nossa casa episódios risonhos e alguns mesmo jocosos, nos quais tinha sido elemento valiosíssimo de verdadeira catequese o antigo vigário da Matriz Velha.

Numa localidade esquecida e isolada, proxima de Entre-Montes, a meio caminho de Amparo e Itatiba, local em que era considerável o numero de ligações irregulares, mancebias escancaradas e proles ilegítimas sem batismo e sem educação de nenhuma espécie, quando o Bispo deu início às suas práticas, procurando fazê-las à altura do nível dos ouvintes, numa igreja velha que caía aos pedaços, notou que a gente parecia não perceber o que ele explicava, não obstante o tom singelo que punha nessas alocuções e

a forma paternal, de quase intimidade, que se permitia com aqueles matutos, como que a abrir-lhes a intimidade do seu grande coração.

O padre Ribas interveio e disse baixinho ao Bispo:

- É melhor v. exa. ficar aí em cima e me encarregar de conversar com essa gente, lá em baixo, na "nossa lingua"... E obtido o consentimento, lá foi ele para o meio do povo e, como não havia cadeiras nem bancos no templo, não teve dúvida alguma e sentou-se no chão, no meio da massa curiosa. E entabou uma conversação, sobre a necessidade de regularisarem as situações de família e obterem, em casamentos legais, as bençãos de Deus, que iriam beneficiar a filharada. Bem sabia que tudo aquilo era consequência do isolamento em que viviam, sem contato com um vigário, que vigário não havia nas redondezas, mas precisavam cuidar logo e logo da santificação de suas casas e dos seus lares.

Isso era, entretanto, dito numa língua chã, sem atavios, numa conversa caipira de "ao pé do fogo". D. Néri, do alto de uma cadeira que fazia de trono, tinha em certas passagens ímpetos de se rir à larga, pelo vocabulário e pelas comparações incisivas que o padre Ribas punha na sua prática.

Mas aquela gente o escutava embevecida: aquilo tudo era uma lição de sabedoria e de pureza, transmitida num idioma de roça, que era o deles e que o padre manejava como se fosse da sua mesma humilde condição. Os frutos da pregação foram abundantes e muito confortaram o Bispo; não houve ligação irregular que naquele dia e nos seguintes não tivesse a conclusão santificante; meninos taludos foram batizados, e o padre Ribas não chegou para as encomendas, porque homens e mulheres só queriam confessar suas culpas a ele, que tão bem os entendia, e evitavam o Bispo que lhes parecia muito acima da sua misérrima condição de pecadores.

E a ignorada paróquia naqueles dias de visita, parecia uma daquelas povoações da Galiléia, quando ali andava, na pregação da sua vida apostólica o Redentor do Mundo.

Mais tarde, quando a diretoria do Asilo de Inválidos, da qual fiz parte, juntamente com aqueles excelentes e ines-

quecíveis companheiros que foram Orosimbo Maia, Joaquim Villac, Rafael G. de Sales e João Nogueira Filho, já mortos, e com o devotadíssimo Carlos Gerin, promovia alguma festa na sua sede, afastada da cidade, e era necessário levar para lá um sacerdote para a celebração da missa, era o padre Ribas o designado e várias vezes nos prestou esse serviço, não apenas com desvelo, mas com incontida alegria. Sentava-se no pátio, ao lado daquelas negras velhas e centenárias e dos negros de carapinha, de olhar morto e corpo encarquilhado, e com eles entabulava conversação muito íntima, muito amiga, ao alcance de suas inteligências e candura de alma. Alguns pretos cachimbavam, outros tiravam tragos dos cigarros de fumo forte que a diretoria distribuía, mas o sacerdote estava no meio e reclamava sua razão:

- Eu também quero "pitá"... E depois de aceso o cigarrão de palha, bem afrouxado, se entretinha com aquela gente humilde e esquecida do mundo e lhes dava o lenitivo incomparável da sua companhia e das suas expansões afetuosas e pacientes.

o o o

Em São Paulo, para onde se mudou depois, e já numa velhice que dia a dia lhe esgotava a energia e a resistência física, exerceu funções de capelão do Recolhimento da rua Turiassu. Quer isso dizer - aquele sacerdote tão completo, tão eficiente no seu ministério como o demonstrara numa vida longamente devotada aos seus filhos espirituais e às ovelhas dos seus numerosos rebanhos, voltava para o seio dos indigentes, dos miseráveis, dos esquecidos da sociedade, da gente rude, ignorante e simples com a qual o capelão confraternizava e se confundia, na sua humildade e no seu isolamento. Há alguns meses ainda o encontrei na rua José Bonifácio, com um chapéu de aba enorme, uma batina velha e surrada e uns sapatões grosseiros, com os quais vinha à cidade fazer pequenas compras. Deu-me a nova moradia, do Recolhimento do alto das Perdizes, conformado com aquele fim de vida:

- Eu andei uns tempos de déo em déo, mas agora estou

socegado, lá no Recolhimento, entre gente velha e até mais velha do que eu. Estou à espera da minha vez... Vá um dia lá para tomar um cafézinho... - aquele socego faz bem..."

Tinha o ar fatigado de quem trabalhara muito, o rosto tostado de sol, as mãos calejadas, mas o andar firme como ele o fazia, bamboleando o corpo atarracado.

Afinal...

No sabado passado, aqui expirou, num quarto da Santa Casa. Depois, duma confusão de ordens e contra-ordens - enterrou-se em São Paulo, segue o corpo para Campinas - decidiu-se que o cadaver seria, como foi, embarcado para sua terra; lá foi sepultado, após missa de corpo presente, concelebrada pelo atual Bispo, na mesma igreja da Matriz Velha, da qual o Padre Ribas, durante tantos anos trabalhosos e uteis, foi vigário, consolador de aflitos, protetor de fracos, conselheiro de transviados, reanimador de gente em desespero, amigo das crianças, confidente precioso de moços e velhos.

Foi uma vida exemplar de sacerdote. Esse homem não teve outra ocupação na vida senão aconselhar, amparar e estimular os outros, católicos e não católicos, com as luzes da inteligência e as luzes ainda mais preciosas da sua imensa bondade.

Certamente, à volta do seu esquife desfilaram muitos dos que instruiu e encaminhou. E tenho, para mim, que, à volta do seu jazigo, desfilará, doravante, no Cemitério da Saudade, a gente apagada e humilde, cujas lágrimas ele tantas vezes enxugou, e que ali irá, em romaria piedosa, como ainda fazem outros tantos, rumo ao jazigo do Vigarinho e de alguns altos padrões de bondade e abnegação que o povo, com um extraordinário senso divinatório, costuma colocar entre os homens de rara perfeição moral e afetiva que saíram da vida em cheiro de santidade.